

## More work for Brazilian mother: abrasileiramento da obra de Ruth Cowan

### RESUMO

Lucas Bueno de Freitas  
E-mail: lfreitas91@gmail.com  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Domingos Leite Lima Filho  
E-mail: domingos@utfpr.edu.br  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Lindamir Salette Casagrande  
E-mail: lindasc2002@gmail.com  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

O presente trabalho visa realizar uma breve releitura de um capítulo da obra de Ruth Cowan, intitulado: “More work for mother: the ironies of household technology from the open hearth to the microwave”. Tendo como base de análise os mesmos sistemas tecnológicos utilizados por Cowan para demonstrar que o trabalho doméstico não foi facilitado pela tecnologia, objetivamos demonstrar como tal argumentação se daria caso levado em consideração a realidade brasileira, principalmente da mulher de classes mais baixas, criadas/domésticas das famílias da elite. Sob uma ótica pós-colonial, discutiremos brevemente o arranjo da família brasileira na virada do século XIX para o XX e analisaremos a inserção dos seguintes sistemas tecnológicos: alimentação, vestuário, assistência médica, transporte, água e energia, e seu reflexo no trabalho feminino, buscando dar ênfase no trabalho das criadas/domésticas. Concluímos primeiramente que, assim como nos EUA de Cowan, o trabalho feminino no Brasil não foi extinto ou facilitado com o surgimento dos novos sistemas tecnológicos, interpretação comumente feita, mas sim reorganizado; e que a desigualdade social, presente historicamente no Brasil, não só colabora com essa reorganização, variando com a posição social da mulher, como intensifica o trabalho para as mulheres de classes mais baixas.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Brasil. Gênero. Trabalho doméstico. Tecnologias domésticas.

## INTRODUÇÃO

Ruth Cowan, em *“More work for mother: the ironies of household technology from the open hearth to the microwave”* (1983), mais especificamente no capítulo intitulado *“Twentieth-century changes in household technology”*, aponta que, durante o século XX, imperou um senso comum afirmando que o/a estadunidense deixara de ser produtor e assumira o papel de consumidor/a, ou seja, artefatos produzidos até então no âmbito domiciliar, passaram a ser produzidos nas grandes fábricas, e, portanto, o trabalho da mulher, dentro de casa, deixou de ter sentido – deixando de ser útil – e que com as novas tecnologias o trabalho doméstico seria realizado com maior facilidade (COWAN, 1983).

A autora constrói sua obra convidando o/a leitor/a a ir além deste diagnóstico simplista, analisando as mudanças tecnológicas em um universo mais amplo. Cowan (1983, p. 71) apresenta oito sistemas tecnológicos que alteraram o dia-a-dia do trabalho doméstico: a alimentação, o vestuário, a assistência médica, o transporte, a água, o gás, a eletricidade e o óleo; e conclui que essas mudanças tecnológicas não eliminaram – o trabalho eliminado pertencia ao homem – ou facilitaram o trabalho doméstico, tradicionalmente responsabilidade das mulheres, mas sim reorganizaram este. A autora comprova que essas mudanças, além de acentuar a separação do trabalho do homem e da mulher dentro do lar, aumentou a produtividade das donas-de-casa, que tiveram que se adaptar às novas tecnologias (COWAN, 1983, p. 100).

Porém, a discussão arquitetada por Cowan (1983) encontra-se em um espaço muito bem delimitado: a classe média estadunidense. Coloca-se então um questionamento: como seria essa realidade se utilizássemos a mesma metodologia utilizada por Cowan (1983), comparação, fora das fronteiras dos EUA? E se trouxéssemos esta discussão à realidade da dona-de-casa/trabalhadora doméstica brasileira?

Destarte, buscamos enquadrar nosso trabalho em uma ótica pós-colonial, caracterizada por “um conjunto de práticas e discursos que desconstruem as narrativas escritas pelo colonizador, e tenta substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 13), pois partimos do princípio que a realidade da mulher brasileira diferencia consideravelmente da realidade das mulheres descritas por Cowan (1983).

Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Meneses (2010) afirmam que o conhecimento ocidental se configura de forma dualista, abissal, onde em um ponto estaria uma distinção visível, que é apresentada de forma concreta na produção acadêmica, e do outro lado, uma distinção invisível, que fundamenta a visível, e se caracterizaria por uma divisão da realidade social em dois universos distintos: o universo *deste lado da linha*, pertencente ao colonizador, e o universo *do outro lado da linha*, pertencente ao colonizado. A problemática impera quando o *outro lado da linha* desaparece enquanto realidade, sendo produzido como inexistente ou tornado mera opinião que servirá de base para o conhecimento científico e filosófico *deste lado da linha*. “A característica do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 32).

Este trabalho propõe uma breve releitura da obra de Cowan (1983), comparando o desenvolvimento tecnológico no Brasil – o outro lado da linha – com

o dia-a-dia da mulher brasileira das classes populares, utilizando os mesmos sistemas tecnológicos analisados pela autora.

## FAMÍLIA BRASILEIRA: DO SÉCULO XIX AO XX

Marcado pela modernização das cidades com a introdução de inovações, principalmente no mundo dos serviços, o final do século XIX no Brasil, período de *Belle Époque*, foi marcado pelo surgimento e utilização da energia elétrica, que transformava o dia-a-dia das grandes cidades com a ampliação da iluminação pública, e pela implantação e desenvolvimento dos serviços de transporte urbano.

Nas grandes cidades, até a década de 1860, as casas não eram equipadas com água encanada, nem com sistema de esgoto. Os moradores do perímetro urbano não produziam a maior parte dos alimentos que consumiam e não podiam estocar alimentos perecíveis. “Em vez disso, os moradores contavam com as criadas para carregar água, lavar roupa nos chafarizes públicos e fazer compras diárias” (GRAHAM, 1992, p. 45).

Já no início do século XX, a sociedade brasileira busca, incessantemente, os benefícios e a sofisticação resultantes da modernidade e do desenvolvimento tecnológico. No âmbito familiar, com o processo de urbanização iniciado no século XIX, idealiza-se “um ambiente familiar feliz, acolhedor, repleto de filhos saudáveis e educados, mãe dedicada e marido responsável” (PILLA, 2008, p. 331), e complementa

Frente às mudanças, os conservadores procuraram criar um verdadeiro culto da aparência exterior, com vistas a qualificar de antemão cada indivíduo. Essa nova estrutura terá como principal resultado a construção de uma vida privada ligada ao público, repercutindo na organização do espaço doméstico, na decoração requintada dos ambientes e nas novas formas de convivialidade.

Pelo fato da abolição da escravatura ter ocorrido – oficialmente – somente no ano 1888, não podemos deixar de falar, em uma análise sobre tecnologias domésticas, do trabalho das criadas, escravas e empregadas domésticas incumbidas de fazer o trabalho da “esposa-dona-de-casa-mãe-de-família” (PILLA, 2008, p. 331) da elite brasileira, ajudando na organização deste espaço doméstico feliz e acolhedor, ideário estereotipado que permanece até os dias atuais.

## IMPACTOS E TRANSFORMAÇÕES DOS SISTEMAS E ARTEFATOS TECNOLÓGICOS NO TRABALHO DOMÉSTICO

As transformações causadas pelo avanço tecnológico no cotidiano das famílias e no trabalho doméstico aconteceram em diversos aspectos. A seguir trataremos a análise sobre algumas dessas transformações e seu impacto no trabalho doméstico nos lares brasileiros, usando por base os mesmos sistemas analisados por Cowan (1983) para avaliar a realidade estadunidense.

## Alimentação

Gudrun Burkhard (1984, p. 72) aponta que com a industrialização, o Brasil passou a sofrer a influência do processo de conservação dos alimentos, como a inserção comercial em larga escala dos enlatados, o que nivelou o país à realidade mundial, “[...] na qual o nível de uniformidade e perda de qualidade é crescente”.

Durante o século XIX – momento de desenvolvimento da industrialização brasileira – mesmo com as criadas dependendo grande parte do tempo no preparo da alimentação – como a dessalinização do bacalhau –,

[...] nos lares que podiam permitir-se luxo, as cozinheiras serviam, com consideravelmente menos esforço, comida importada ou já pronta de latas ou pacotes: biscoitos ingleses, cerveja, manteiga, patê francês, trufas ou champignons. Do sul do Brasil vinham carnes já preparadas: língua de boi, rins guisados, carne condimentada ou língua em conserva, apresentadas em pequenas latas. (GRAHAM, 1992. p. 46)

Esse processo de – aparente – facilidade na produção, comércio e cocção de alimentos só veio a aumentar com a chegada do século XX, com tecnologias que colaboraram para o desenvolvimento do processo de conservação dos alimentos, tornando-os mais saborosos e mais baratos, fugindo da sua determinação inicial. Os enlatados, por exemplo, foram pensados para alimentar soldados nas guerras (COWAN, 1983) e hoje dominam os lares de boa parte do globo, tendo em vista que, mesmo com tanta facilidade de produção e transporte, inúmeras pessoas morriam e ainda morrem diariamente de fome.

No Brasil, a primeira metade do século XX talvez não tenha sido o momento da grande expansão dos enlatados, pois, conforme análise de Jaime Rodrigues (2011), em pesquisa realizada entre os anos de 1930 e 1960 junto aos/às paulistanos/as, comprovou que o arroz e o feijão ainda eram mais vendidos que, por exemplo, o macarrão industrializado, ou seja, no Brasil houve uma ligação com a tradição e, mesmo com o advento dos alimentos industrializados, a mulher deveria, utilizando as novidades tecnológicas da alimentação, cozinhar a velha combinação arroz, feijão e carne.

Mas na segunda metade do século XX, acentuou-se a presença dos enlatados e *fast-foods* no cardápio brasileiro. Na década de 1970, o apego às tradições na cozinha cai por terra com dados que comprovam uma aproximação do cardápio da região norte com o cardápio da população do sul (BLEIL, 1998). Já na década de 1980, pesquisas apontaram que “o Brasil apresenta a tendência de reduzir o consumo de cereais e tubérculos, de substituir carboidratos por lipídios e de trocar proteínas vegetais por proteínas animais” (BLEIL, 1998, p. 19).

Suzana Bleil (1998) aponta uma pesquisa realizada em 1996, em cinco cidades brasileiras – Campinas, Curitiba, Goiânia, Ouro Preto e Rio de Janeiro –, comprovou que a combinação arroz e feijão já não possuía mais a mesma aceitação de antes. “Apesar de continuar como a base da dieta nacional seu consumo diminuiu em 30% nos últimos vinte anos. O novo cardápio nacional agora inclui carne, frango, salsicha, maionese, mortadela, leite e ovos” (BLEIL, 1998, p. 20). A mulher,

responsável pela alimentação das famílias, deve se adequar a esta nova realidade, aprendendo a utilizar essas tecnologias.

Se, nos países desenvolvidos, com um processo de industrialização mais antigo, estas mudanças resultaram no aumento, não apenas da obesidade, mas de diferentes doenças crônicas degenerativas, essas – novas – doenças já começam a serem sentidas pelos/as brasileiros/as, o que nos leva ao próximo tópico.

### Cuidados médicos

A mulher ao longo dos séculos, sempre teve sua história restrita aos domínios privados do lar, aos cuidados com a casa. Mesmo com a inserção no mercado de trabalho e as conquistas obtidas nas últimas décadas, as mulheres ainda detêm o papel de cuidadoras, principalmente com o adoecimento de membros de sua família.

Cowan (1983) já apontava que, nos Estados Unidos, até o surgimento da medicina – dita – científica e da indústria farmacêutica, as donas de casa recorriam à livros e manuais de remédios caseiros para atender os doentes de suas famílias (1983). Essa realidade não foi diferente no Brasil, porém a ligação com a natureza, tradição e o sobrenatural, foram mais fortes.

A medicina popular no Brasil tem origens na presença das populações indígenas do século XVII. Eram estes homens e mulheres – ditos/as selvagens – sem escrita e sem deuses/as estrangeiros/as, que detinham os conhecimentos sobre as plantas medicinais existentes em solo brasileiro. Este fato pode ter dificultado a apropriação de tais conhecimentos pela sociedade brasileira moderna, oriunda de um processo colonizador que importou crenças, culturas, práticas religiosas e deuses diferentes dos indígenas, colocando estes no campo do abjeto.

A medicina só se impõe como ciência no final da primeira metade do século XIX. Até este período existiam as chamadas artes de curar, onde estava incluída a medicina, mas que também abarcavam curandeiros/as, feiticeros/as, raizeiros/as, benzedores/as, parteiras e sangradores/as (IGURROLA, 2013).

Desta forma, a função da mulher era superior ao simples ministrar medicamentos ou aplicar as ordens de um médico, pois as mulheres detinham todo um conhecimento de produção, manipulação e ministração que perpassava gerações. Seu lugar de destaque e importância na sociedade brasileira, seja como raizeira, curandeira ou parteira, foi sendo minimizado na medida em que a medicina – bem como a indústria farmacêutica – foi se desenvolvendo e sendo considerada a única válida. Ainda na segunda metade do século XIX, o Brasil já impunha uma fiscalização às/aos profissionais ditas/os informais da medicina (IGURROLA, 2013), por não estarem baseados na ciência, sendo validada apenas a atuação de profissionais oriundos dos altares das universidades, dominadas por homens.

Porém, a medicina no Brasil ainda mantinha características de simbiose da utilização de elementos da medicina científica com a medicina popular, praticada por pessoas sem formação específica que, mesmo se dirigindo a um/a médico/a, recorria a chás, xaropes, compressas, emplastos, gargarejos e bochechos produzidos com diversas plantas e temperos.

Com o constante desenvolvimento tecnológico da medicina e com a afirmação dos métodos higienistas, já no início do século XX, a medicina no Brasil vai se restringindo a hospitais e postos de saúde que, se públicos, de péssima qualidade, se privados, com valores que a maioria da população não consegue pagar. Não é de impressionar que a medicina alternativa sobreviva às investidas – incompetências – do capital, principalmente no interior do país, mesmo sendo considerada informal, amadora e não indicada pela sociedade médica brasileira. Mais uma vez, como em vários momentos da história, a mulher – e seu conhecimento – é marginalizada em prol dos lucros das grandes indústrias, mas ainda é a mulher o “principal agente terapêutico da medicina popular. Ela a tem como o recurso primeiro em qualquer doença que apareça em sua casa, até que possa ter acesso a um/a médico/a” (RODRIGUES, 2001, p. 182).

## Vestuário

Segundo Cowan (1983), a indústria do vestuário teve início ainda no século XIX, quando algumas alfaiatarias começaram a produzir peças de roupas em larga escala. Na metade do século, com o surgimento da máquina de costura houve o aumento da produção e, no final do mesmo período, a roupa dita pronta-para-usar já era popular e com um preço acessível (1983, p. 73).

No Brasil do século XIX, segundo Sandra Graham (1992), as costureiras trabalhavam próximas as mulheres das classes altas, que não compravam suas roupas na Europa, mas contavam com as costureiras locais para reproduzir os estilos internacionais. Além da alta-costura copiada para tais mulheres, as costureiras confeccionavam as roupas mais simples de toda a família.

Com o surgimento e comercialização em larga escala das máquinas de costura, a partir da década de 1870, o número de costureiras empregadas nas casas da elite em tempo integral começou a diminuir. “Em vez disso, uma costureira trabalhava para diversas famílias, uma de cada vez, ‘na casa delas’. Ela poderia trabalhar para uma ‘alguns dias da semana’ ou ‘por dias ou meses’, uma ou duas vezes por ano” (GRAHAM, 1992, p. 51, grifos da autora).

No século XX, com as novas tecnologias, a mulher não costurava para si, ou para alguém em específico, agora estavam nas grandes indústrias têxteis. Se não estão dentro da indústria, em algum ponto específico da linha de produção, muitas costureiras trabalham para a indústria, mas em suas casas. São as facções distribuídas país afora. Este trabalho não gera vínculo empregatício e precariza o trabalho feminino.

Alice Abreu (1993), em seu estudo, aponta que as costureiras empregadas e que trabalham em casa se satisfazem por ganhar mais do que sendo autônomas, porém, elas não levam consideração

os custos relacionados às suas atividades de costura, como luz, eletricidade, manutenção da máquina, transporte. E, finalmente, nenhuma delas consegue precisar quanto tempo trabalha por dia, especialmente porque em tempos normais seu trabalho remunerado é constantemente interrompido por outras atividades domésticas. No entanto, trabalhar de noite e nos fins de semana parece prática corrente. Relatos de períodos especialmente intensos, quando trabalhavam 16 a 18

horas por dia, são frequentes. (ABREU, 1993, p. 297 e 298, grifo nosso)

Ou seja, apesar da remuneração baixa, as profissionais de agulha, como eram chamadas, poderiam conciliar as atividades de mãe e dona de casa, exigência da sociedade, e ainda ter algum rendimento, ganho abaixo de exigências de prazo e controle de qualidade exigida dos trabalhadores fabris (MATOS; BORELLI, 2012).

## Transporte

Talvez a maior discrepância encontrada na realidade estadunidense, retratada por Cowan (1983), e a brasileira, esteja no quesito transporte.

Na argumentação de Cowan (1983), com o surgimento dos grandes mercados e shoppings e a polarização de serviços, como o médico, em único ambiente – geralmente o centro das grandes cidades –, as mulheres passaram a despende mais tempo no caminho de casa para o centro, ou levando os filhos para a escola (COWAN, 1983, p. 84).

Sem maiores aprofundamentos sobre a realidade dos EUA, podemos afirmar, com base na argumentação de Cowan (1983), que as mulheres da classe média tinham a disposição um carro, mas não podemos considerar essa a realidade brasileira.

Os primeiros automóveis desembarcam no Brasil no fim do século XIX, e em pouco tempo, sua importância para facilitar o transporte de carga, ou o conforto, foi sendo suprimido pelo *status* assumido por quem possuía um carro. Logo, ter um carro, era algo para poucos, ainda mais se tratando de um país historicamente desigual. Mas falar de carro particular e gênero no Brasil, seja mais fácil em análises de campanhas publicitárias, onde a figura da mulher surge “como mero acessório, figurante, cuja incumbência reside no fato de proporcionar, principalmente, beleza aos textos, sendo encarada, muitas vezes, como objeto de sedução” (GUERRA JUNIOR; BLASQUE, 2012, p. 18). Se quisermos falar do dia-a-dia da mulher trabalhadora, devemos nos atentar ao transporte público, pouco analisado por Cowan (1983).

Graham (1992) aponta como a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XIX, estava disposta em relação ao mercado ou ao chafariz local, onde as criadas se dirigiam para lavar as roupas. A autora afirma que as criadas cruzavam de um lado para o outro todo o espaço físico da cidade, quilômetros a pé, por extensas ruas.

No Rio de Janeiro, durante as décadas de 1870 e 1880, os bondes começaram a ser instalados, com as distâncias encurtadas, as moradias começaram a se distanciar ainda mais do centro, principalmente as famílias mais pobres. As criadas, que antes moravam nas casas das famílias e se deslocavam para os mercados ou chafarizes, agora, com o transporte público e a água encanada, moravam em casas fixas e se deslocavam para a casa dos/as empregadores/as, mas as idas ao mercado central permaneciam. “É verdade que ganharam tempo livre, mas uma vez em casa, ainda tinham de terminar as tarefas costumeiras no que sobrava do dia” (GRAHAM, 1992, p. 71). Era a dupla jornada de trabalho se instalando na vida das mulheres.

Se no século XX as mulheres descritas por Cowan (1983) estavam exaustas da responsabilidade de entrar em seu carro e “levar o time de baseball [do filho] para jogar em outra cidade” (1983. p. 85), o que dizer de uma mulher brasileira, que além do trabalho fora, do doméstico, de buscar o filho na escola, levar ao médico, depende de tempo esperando um ônibus ou metrô que, quando vem no horário, comumente está – desumanamente – lotado? Eis a realidade de muitas mulheres brasileiras.

## Água

Talvez por um pequeno adiantamento cronológico, a história do acesso à água não teve tanta diferença para a mulher estadunidense e a brasileira – de um mesmo nível econômico. Reservatórios de água potável, encanamentos e aquedutos levavam água a várias partes das cidades. Inicialmente o encanamento foi construído para levar água até as indústrias, mas aos poucos, as classes médias e altas começaram a pagar pelo privilégio de ter água potável em casa (COWAN, 1983).

A instalação de água encanada possibilitou uma melhora na higiene pessoal, na saúde da família e pública, criando, desta forma uma nova tarefa às mulheres. Por exemplo, como antigamente os banheiros ficavam do lado de fora da casa, a água corrente fez com que os banheiros fossem trazidos para dentro, exigindo, por questões de higiene, maiores atenções de limpeza por parte das mulheres. Elas sempre foram responsáveis pela higiene da casa e da família, com a água moderna (e suas utilidades), a responsabilidade pela limpeza passou a ser ainda maior (COWAN, 1983).

No caso específico brasileiro, as criadas, além de carregar a água para o consumo, se dirigiam até os chafarizes para lavar as roupas da família. No Rio de Janeiro da década de 1880, as casas já possuíam água encanada, alguns anos depois, até os criados poderiam ter um banheiro próprio – fora da casa. Com a água encanada, as pilhas de roupas não haviam diminuído, mas as criadas não precisavam mais se dirigir até um local específico da cidade para lavar, em compensação, com as salas de banho, esse tempo economizado em transporte, foi gasto na limpeza das banheiras e com as exigências ainda maiores por parte das mulheres empregadoras, sem falar dos constantes desentupimentos de esgoto, trabalho da doméstica (GRAHAM, 1992).

## Energia

Cowan (1983) analisa três fontes de energia e suas implicações no dia-a-dia da casa e do trabalho doméstico. O gás, o petróleo e a eletricidade. A função primária dos três foi produzir luz, porém conforme um surgia, seu antecessor, ou caía em desuso, ou era alocado para uma nova função. Com isso o gás possui uma importante função na cozinha, como fonte de calor, o óleo com o aquecimento interno das casas (um tanto quanto irreal para o caso brasileiro) e a eletricidade assume a primazia como fonte de luz e fonte de energia para os aparelhos domésticos que surgem ao longo do século XX e dominam os lares.

No Brasil essas três fontes também foram utilizadas e realocadas ao longo da história. Segundo Graham (1992), ainda no século XIX, as criadas não eram



somente avaliadas pelos pratos que faziam, mas também pela destreza em utilizar os equipamentos disponíveis, principalmente na dificuldade de utilizar um fogão a lenha. Logo na década de 1890, concordava-se que “os fogões a gás (...) eram mais cômodos e mais higiênicos” (GRAHAM, 1992, p. 46). Esses conceitos de comodidade e higiene foram pensados para as criadas, mas sem a participação das mesmas nas tomadas de decisões sobre o uso dos modernos aparelhos.

Até mesmo o processo de iluminação representava um conjunto de trabalho para as criadas.

Até 1854, quando a iluminação a gás começou a se tornar acessível em algumas poucas ruas, as famílias usavam lampiões de óleo de peixe ou de baleia, com seu odor desagradável e resíduo de carbono, ou contavam, simplesmente, com velas. As criadas ajustavam os pavios, limpavam os globos de vidro gravado, que exigiam extremo cuidado no manuseio, e fabricavam velas. Desde o começo da década de 1860, as famílias mais ricas solicitaram ligações de gás para suas casas; assim, em 1874 até 10 mil residências estavam providas de iluminação a gás ‘em toda a casa’ e até mesmo ‘nos aposentos’. (GRAHAM, 1992, p. 49, grifos da autora)

Somente nos primeiros anos do século XX a luz elétrica começava a se popularizar, e com isso secadores elétricos, máquinas de lavar, batedores de bolo, aspiradores, refrigeradores, máquinas de lavar roupa, entre outros, surgiram para reorganizar o trabalho doméstico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões que podemos chegar, após este breve histórico, se aproxima das observações feitas por Ruth Cowan (1983). O trabalho braçal foi substituído por ferramentas; energia humana, por energia química e mecânica; luz e calor poderiam ser obtidos a qualquer hora do dia ou da noite; as tarefas múltiplas que constituíam o trabalho doméstico foram reorganizadas por essas mudanças tecnológicas, a quantidade e a natureza do trabalho das donas-de-casa/criadas se tornaram ambíguos, pois a economia de tempo acumulada em uma determinada atividade era despendida na atenção de outra, surgida com o avanço tecnológico.

Assim como nos EUA, no Brasil, o trabalho da mulher não foi facilitado, mas sim reorganizado, modificando “os locais e os contextos sociais do trabalho” (GRAHAM, 1992, p. 69). Essa reorganização não aliviou a carga de trabalho feminino. Elas passaram a assumir novas funções e se mantiveram tão ocupadas quanto antes do advento dos sistemas e artefatos tecnológicos que, supostamente, deveriam aliviar os trabalhos domésticos.

No transporte, por exemplo, embora andar de bonde fosse mais seguro e demandasse menos esforço que andar a pé, o novo meio de transporte impedia o resqúcio de socialização que uma criada poderia ter, “em vez disso, trabalhavam mais horas dentro da casa, em quintais ou pátios murados” (GRAHAM, 1992, p. 71).

Seu dia-a-dia de costureira foi facilitado com a máquina de costura, e seus lucros e produtividades aumentados com o emprego na indústria têxtil, porém o controle do seu trabalho, bem como o seu tempo livre, se perdeu na ambiguidade do seu papel de operária e dona-de-casa.

Na mesma linha, as raizeiras e parteiras tiveram seus conhecimentos apropriados pelo capital. As funções consideradas nobres da mulher foram sendo ceifadas. Em poucos anos o conhecimento das parteiras estará extinto. Mulheres que dedicaram suas vidas para colocar outras no mundo estão sendo esquecidas, após serem substituídas pelos avanços tecnológicos, sendo esses dominados pelos homens. Os homens fazem a ciência, as mulheres fazem a magia, o amorismo; após essa argumentação, qualquer tentativa de debate, dentro de uma sociedade capitalista/imediatista/individualista, que naturaliza o machismo, se torna um trabalho complicado.

Cowan (1983) estava certa ao afirmar que as mulheres que um dia tiveram criadas se sentiram aptas para realizar o trabalho doméstico, graças às facilidades das novas tecnologias, e acabaram presas em uma rede de trabalhos coercitivos, porém mais sofrida que o dia-a-dia da mulher da classe média, é a vida da mulher sem recursos que vive na periferia das cidades brasileiras, e que, muitas vezes, é uma criada/funcionária cuja função é limpar as sujeiras, manter a qualidade de vida e o conforto da elite. A subsistência e qualidade de vida de sua família ficam em segundo plano.

Ruth Cowan lançou seu olhar à realidade estadunidense, fato compreensível por ela ser originária daquele país. Ao voltar o olhar para a realidade do Brasil é importante observar que muitas mulheres brasileiras não dispõem de condições financeiras para ter acesso a uma cobertura de saúde, que, no adoecimento de seu filho ou filha, basta ir a um hospital, ser atendida e retornar com seu carro para casa. Na realidade de muitas brasileiras, o acesso a um serviço público de saúde é insuficiente e o transporte público, que as mulheres menos favorecidas utilizam, precário. Sendo o cuidado com os/as filhos/as atividade predominantemente feminina, estes fatores dificultam significativamente o dia-a-dia das mães e donas de casa.

Analisar os avanços tecnológicos no âmbito domiciliar, como fez Cowan, porém olhando para a realidade do Brasil, e, mais especificamente para as criadas e domésticas, não é somente uma questão de busca por uma nova perspectiva, mas sim de respeito a uma parcela considerável da população brasileira que sofre com a irrisória e histórica divisão de renda do nosso país.

## More work for Brazilian mother: the work of Ruth Cowan from the Brazilian perspective

### ABSTRACT

The present paper intends to make a short rereading of a chapter from the Ruth Cowan's work, called "*More work for mother: the ironies of household technology from the open hearth to the microwave*". Having basis on the analysis of the same technological systems used by Cowan to show that the domestic work wasn't facilitated by technology, objectifying to demonstrate as such argumentation would've happen in case the Brazilian reality had been considerate, mainly of women from lower classes, housemaids of elite families. Under the sight post-colonial, will be shortly discussed the Brazilian family arrangement in the turn of the XIX century to XX and will be analyzed the insertion of the following technological systems: feed, clothing, medical assistance, transportation, water and energy, and its reflex on female work, searching give emphasis on housemaid's job. At first, it's concluded that, as in USA of Cowan, the female work in Brazil wasn't extinct by the rise of new technological systems, the interpretation commonly done, but reorganized; and that the social inequality, historically presents in Brazil, not just collaborate with this reorganization, changing with the social position of the woman, as intensify the work for lower classes women.

**KEYWORDS:** History of Brazil. Gender. Domestic Work. Domestic Technology.

## More work for Brazilian mother: La obra de Ruth Cowan desde la perspectiva brasileña

### RESUMEN

El presente trabajo tiene por objeto realizar una breve relectura de un capítulo de la obra de Ruth Cowan, titulado: "*More work for mother: the ironies of household technology desde el abierto a la tempestad*". Con base en el análisis de los mismos sistemas tecnológicos utilizados por Cowan para demostrar que el trabajo doméstico no fue facilitado por la tecnología, pretendemos demostrar cómo tal argumentación se daría en consideración la realidad brasileña, principalmente de la mujer de clases más bajas, creadas / domésticas de las familias de la élite. En una óptica post-colonial, discutiremos brevemente el arreglo de la familia brasileña a la vuelta del siglo XIX al XX y analizaremos la inserción de los siguientes sistemas tecnológicos: alimentación, vestuario, asistencia médica, transporte, agua y energía, y su reflejo en el trabajo femenino, buscando dar énfasis en el trabajo de las creadas / domésticas. Concluimos primero que, al igual que en los EE.UU. de Cowan, el trabajo femenino en Brasil no fue extinto o facilitado con el surgimiento de los nuevos sistemas tecnológicos, interpretación comúnmente hecha, sino reorganizada; y que

la desigualdad social, presente históricamente en Brasil, no sólo colabora con esa reorganización, variando con la posición social de la mujer, como intensifica el trabajo para las mujeres de clases más bajas.

**PALABRAS CLAVE:** Historia de Brasil. Género. Trabajo doméstico. Tecnologías domésticas.

## NOTAS

<sup>1</sup> Tradução livre de: "(...) taking the baseball team to the next for a game" (COWAN, 1983. p. 85).

## REFERÊNCIAS

BLEIL, Suzana Inez. **O Padrão Alimentar Ocidental**: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. *Cadernos de Debate*. Vol. VI. Campinas, 1998. p. 1-25.

BURKHARD, Gudrun. **Novos caminhos de alimentação**. v. 3, São Paulo, C.L.R. Balieiro, 1984.

CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e Artefato**. São Paulo: EDUSP, 2008.

COWAN, Ruth Schwartz. Twentieth-century changes in household technology. In.: COWAN, Ruth Schwartz. **More Work for Mother**: the ironies of Household technology from the open hearth to the microwave. New York: Basic Books, 1983. p. 69-101.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. O Trabalho. In.: GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência**: Criadas e seus Patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 45-72.

GUERRA JUNIOR, Antônio Lemes; BLASQUE, Roberta Maria Garcia. A estereotipização da mulher em propagandas de automóveis: uma abordagem diacrônica. **Identidade Científica**, Presidente Prudente-SP, v. 3, n. 1, jan./jun. 2012. p. 15-32.

IGURROLA, Ana Claudia Rocha Tomagnini. A medicina popular praticada por mulheres em âmbito doméstico: a tradição do uso das ervas medicinais em Vitória da Conquista Bahia de 1950 até a atualidade. **Fazendo Gênero X**. UFSC. Florianópolis, 2013.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In.: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (org.) **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 333-360.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. **A socialização da força de trabalho**: instrução popular e qualificação no Estado de São Paulo (1873 a 1934). Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Labores, quitutes e panelas: em busca do lar ideal. **Cadernos Pagu**. n. 30, jan/jun de 2008. p. 329-343. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n30/a17n30.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2013.

RIBEIRO, Maria Alice. Qualificação da força de trabalho: a experiência das escolas profissionais do estado de São Paulo (1911 - 1942). In: RIBEIRO, Maria Alice (org.). **Trabalhadores urbanos e ensino profissional**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1986.

RODRIGUES, Antonio Greco. Buscando Raízes. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 16, 2001, p. 132. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n16/v7n16a07.pdf>> Acesso em: 20 de setembro de 2013.

RODRIGUES, Jaime. Uma história das práticas alimentares de trabalhadores paulistanos em dois momentos do século XX. **Várias Histórias**, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46, jul/dez 2011. p.527-546.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

**Recebido:** 15 out. 2018.

**Aprovado:** 05 mar. 2019.

**DOI:** 10.3895/cgt.v12n39.8939

**Como citar:**

FREITAS, Lucas Bueno de; LIMA FILHO; Domingos Leite; CASAGRANDE, Lindamir Salete. More work for Brazilian mother: abasileiramento da obra de Ruth Cowan. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.12, n. 39, p. 148-161, jan./jun. 2019.

**Correspondência:**

Lucas Bueno de Freitas. Rua Edinei de Lima Godói, 638 A, CEP: 83320-590, Bairro Pineville, Pinhais -PR.

**Direito autoral:**

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

